

Indústria cobra "sinais claros"

O presidente da Confederação Nacional da Indústria, senador Albano Franco, pronunciou, ontem, um discurso bastante pessimista durante recepção feita ao ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, quando comparou a economia brasileira a uma caixa preta da qual não se sabe o que sairá hoje, amanhã ou no mês que vem.

"Por obséquio, senhor ministro — implorou o presidente da CNI — nos dê uma sinalização clara para a nossa caminhada comum. Veja e nossa aflição uma vontade de entender claramente suas intenções, para nos associarmos às metas governamentais com genuíno esforço de colaboração".

Para Albano Franco, a situação econômica já se tornou crônica — "vossa excelência há de tolerar certa impaciência diante de um quadro crônico. Há mais de seis meses temos convivido, a duras penas, com taxas de juros reais insuportáveis. Não há no mundo negócio que possa ser rentável a ponto de permitir pagar juros reais de 30 ou 35 por cento ao ano. É inviolável descontar uma duplicata nesse nível. Investimentos, então, nem sonhar. Não podemos tapar o sol com a peneira. O setor industrial estará bloqueado para investimento se não baixarmos substancialmente a taxa de juros reais".

A prática de juros reais é destímulo terrível para o setor produtivo, disse Albano Franco — "se tal política é feita a pretexto de evitar a formação de estoques, na realidade estamos promovendo a troca de estoques de produtos por estoques de títulos financeiros em detrimento da atividade produtiva". O presidente da CNI reclamou que os empresários foram estimulados a investir em 1986, mas, agora, em 1987, o quadro reverteu completamen-

te e não se sabe o que acontecerá.

INCERTEZA DE PREÇOS

Os empresários, segundo Albano Franco, estão preocupados, a partir de agora, com o rumo que tomará a política de preços, com a decisão oficial de voltar a controlá-los — "passamos a enfrentar, novamente, a incerteza no sistema de preços. A notícia de mais uma variante do congelamento está no ar. Fala-se, também, em indexar a moeda e até de perpetuar aquilo que era provisório, como é o caso do compulsório. Dentro desse clima, fica difícil manter a programação de produção e de vendas".

Albano desabafou: "Já estamos cansados de pedir uma política mais clara para um horizonte de, pelo menos, 24 meses. Afinal, produzir não é uma aventura de circunstâncias. Ao contrário, produzir demanda recursos, perspectivas de mercado, previsibilidade monetária e fiscal e, sobretudo, trabalho. O empresário protesta não porque goste de protestar. Condutas instáveis são prejudiciais ao bom funcionamento da produção, do abastecimento, da exportação e do emprego. Nossa produção continua comprometida, ora por falta de insumos importados, ora por falta de componentes nacionais".

O presidente da CNI avança em previsões: "o perigo da hiperinflação volta a radar nossa economia, corroendo o poder de compra dos trabalhadores e diminuindo a demanda. Se não há recessão, como a que experimentamos nos negros anos de 1981-83, é inevitável registrar vários sinais desse fantasma".

Não faltou dureza nas palavras de Albano: "Não podemos aceitar ineficiências. No que se refere à área cambial, é lamentável

ver continuar chegando a este País enormes partidas de arroz e milho importados quando nossos produtores não sabem onde por a supersafra que produziram. No setor público, preocupa-nos a indefinição quanto a uma autêntica reforma administrativa que venha a resgatar a operosidade do aparelho de estado, racionalizando funções e colbindo desperdícios".

As últimas declarações de Bresser Pereira em favor de redução do crescimento econômico foram criticadas pelo presidente da CNI: "Vossa excelência diz que consumimos muito no ano passado e que, para corrigir os desequilíbrios gerados ao longo do Plano Cruzado, teremos que nos contentar com uma produção e um consumo menores em 1987. Dai surgiu a meta de crescimento moderado de 3,5 por cento ao ano. Confessamos ter recebido esse propósito com certa perplexidade. O desempenho econômico até o momento alcançado pela indústria, e sobretudo na agricultura, coloca o País bem acima dessa marca neste primeiro semestre do ano. Por isso, para fecharmos o ano com 3,5 por cento, assustamos a possibilidade de crescimento negativo no segundo semestre. Crescimento negativo significa redução no nível da produção, desemprego, e aperto salarial".

Finalizando seu discurso carregado de preocupações e perspectivas pessimistas, Albano foi exigente: "no mundo dos negócios operamos com conceitos simples, mas muito concretos: receita, despesa, mercado, juros, salários, câmbio, etc. Esses são nossos termômetros. Vejamos, pois, se conseguimos, juntos colocar essas peças num tabuleiro no qual se possam visualizar algumas jogadas de bom senso, a partir de um amplo entendimento".